

História da Associação

Os primeiros passos para a criação de uma Associação, deram-se em 1999, quando entre a Casa-Museu Abel Salazar e a Associação Portuguesa de Museologia se trabalhou para definir a categoria de Casas-Museu em Portugal, e se abriu uma reflexão sobre si próprias e o seu futuro, onde participaram, além da representante da APOM no Norte, representantes da Casa-Museu José Régio (Vila do Conde), da Casa de Camilo (Vila Nova de Famalicão) e da Casa-Museu Marques da Silva (Porto).

Das várias ações que se foram promovendo para aprofundar o conhecimento das casas museus e discutir estratégias de desenvolvimento, foi-se tornando evidente que a formação e estruturação de colaborações seria um motor fundamental para dinamismo e atualidade destes núcleos museológicos. Foram desde então promovidos ações e encontros neste sentido e continuadas com frequência até 2006.

Em novembro de 2000, continuou-se o caminho da reflexão, durante o colóquio da Casa-Museu Abel Salazar “Ciência, Comunicação e Democracia – a criação de uma cultura científica” que a Casa realizou no Planetário do Porto. No painel intitulado: “As Casas-Museu: memória, arquivo ou centro de estudos?” com a participação da então Presidente do Instituto Português de Museus, Profª Raquel Henriques da Silva; da Drª Laura Castro dos Museus da Câmara Municipal do Porto; Drª Ana Margarida Castro Martins da Casa da Cerca em Almada e o Dr. José Manuel Oliveira da Casa de Camilo da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, que para além de apresentarem a estrutura funcional da Casa-Museu, identificaram as suas áreas de intervenção e respetivas metodologias, para além de discutir a instituição de uma rede entre Casas-Museu.

No ano 2004, a realização de uma Reunião Científica no âmbito da Museologia da Casa-Museu Abel Salazar, em parceria com a Rede Portuguesa de Museus (Instituto Português de Museus): aconteceu o 1º ENCONTRO NACIONAL DE CASAS-MUSEU. Um dos principais objetivos desta ação foi a criação da Associação Portuguesa de Casas-Museu, tendo reunido os profissionais diretamente envolvidos na gestão das Casas, ajudando a refletir sobre as questões que os preocupavam, proporcionando o conhecimento das múltiplas e diversas experiências de trabalho, para que fosse ultrapassado o carácter efémero das suas realizações, criando assim as bases para o aparecimento de uma efetiva rede de cooperação entre Casas-Museu. Foi um encontro de três dias centrado na reflexão sobre a atividade, programação e problemas das Casas-Museu em atividade ou em implementação, nesse momento, em Portugal. As comunicações apresentadas pelos responsáveis de dezasseis instituições presentes foram fundamentais para diagnosticar o estado das Casas-Museu que encontrou na criação da associação um instrumento para a dinamização e melhoramento do tecido museológico português.

Um seminário aberto, com vista à constituição da Associação Portuguesa de Casas-Museu, tinha ainda que incluir a participação das seguintes entidades ligadas à cultura e ao tema das Casas-Museu: Alta Autoridade para a Comunicação Social, Lisboa – José Manuel Mendes “*Casa-Museu análise de algumas propostas*”; Ministério da Cultura/Delegação Regional da Cultura do Norte: “*O papel da Delegação Regional da Cultura do Norte no apoio às Associações Culturais*” (José Fortunato Freitas da Costa Leite); Ministério da Cultura/Delegação Regional da Cultura do Algarve: “*A Casa-Museu e o Algarve Cultural*” (Maria Manuela Barros Moura); Rede de Museus de Cascais, “*A especificidade das Casas-Museu na Rede de Museus de Cascais*” (Ana Maria Constante de Oliveira); Rede Portuguesa de Museus – Clara Camacho.

O Dr. Manuel Bairrão Oleiro, diretor do Instituto Português de Museus (IPM) defendeu no encerramento do colóquio, a criação de uma Associação Portuguesa de Casas-Museu, semelhante às já existentes nos outros países da União Europeia. Segundo, Bairrão Oleiro “*a constituição de uma estrutura associativa única que representa as várias Casas-Museu espalhadas por todo o país “facilitará a comunicação”, servindo de “veículo de informação das atividades fornecidas pelas instituições” e estabelecendo “programas comuns”*”. Uma associação única “*motivaría o trabalho de divulgação destas unidades museológicas que dão a conhecer figuras tutelares da cultura portuguesa*”.

Assim, os participantes no I Encontro Nacional, congratularam-se com a sua realização, que se revelou muito oportuna; consideraram que as Casas-Museu são hoje insubstituíveis focos de dinamização local, quer pela conservação da memória de pessoas e lugares quer pela reelaboração histórica e afetiva dessa memória, de acordo com orientações museológicas inovadoras; sublinharam o riquíssimo acervo existente em algumas Casas-Museu, por herança da sua matriz colecionista, que abrange a pintura e a escultura e o desenho, mas também o mobiliário, a tapeçaria, a cerâmica e a ourivesaria; Reconheceram a necessidade de se associarem, em fórmula a debater, que permitisse a realização de novos encontros, a circulação de experiências, o aprofundamento das relações entre os responsáveis e os públicos, o intercâmbio de recursos e a definição de programas comuns de atividades.

O II ENCONTRO DE CASAS-MUSEU, que decorreu em Cascais em novembro de 2006, permitiu dar continuidade a algumas conclusões do I Encontro, a realização de discussões e debates sobre modelos de colaboração entre os responsáveis museológicos destas instituições, para ações de divulgação, formação e partilha de trabalhos e iniciativas que permitissem obter com maior facilidade os objetivos que foram traçados. Foi ainda apresentado para discussão e aprovação o esboço de Estatutos de uma Associação Portuguesa de Casas-Museu, entretanto preparado pelo grupo de trabalho para esse fim.

Uma série de dificuldades provocou a interrupção por quatro anos destas iniciativas.

Em fevereiro 2010, houve um encontro realizado nos Paço dos Duques, Guimarães, organizado pelo seu diretor António Ponte, para categorização das Casas-Museu, onde se retomou o trabalho para formação da Associação, após um hiato de quatro anos.

Neste ano foi registado o nome da Associação como **Associação Portuguesa de Casas-Museu – APCM**. Finalmente em 5 de maio de 2012, Abel Salazar, Bissaya Barreto, Eça de Queirós, Egas Moniz, João de Deus e Medeiros e Almeida, nomes grandes da medicina, das letras e da filantropia em Portugal, associados todos a casas museu com uma atividade cultural e cívica exemplar, criaram a Associação Portuguesa de Casas-Museu.

A tutela da Associação Portuguesa das Casas Museu ficou a cargo da Fundação Bissaya Barreto, presidida por Patrícia Viegas Nascimento, que no momento da assinatura da constituição da Associação salientou a importância deste momento: – *A Associação Portuguesa das Casas Museu, que acabámos de constituir, corporiza uma aspiração de longa data. Abre-se hoje, finalmente, no território museológico e patrimonial português, um espaço fundamental e há muito reclamado, para partilha de conhecimento e reflexão, para união de esforços e de projetos comuns, para representação e divulgação do património e trabalho desenvolvido pelo universo das Casas Museus portuguesas. As Casas Museu são lugares de memória singulares. Memória de uma personalidade, porquanto referente a um sujeito concreto, com um percurso de vida, uma profissão, uma história. A Associação Portuguesa das Casas Museu visará o alcance de objetivos tão fundamentais quanto o fortalecimento das relações entre as Casas Museu, a clarificação de uma especificidade museológica, a elaboração de uma estratégia de qualificação, a visibilidade e projeção nacional e internacional do universo das Casas Museu.*

Patrícia Viegas Nascimento também explicou quais os motivos que levaram a que a instalação desta Associação ficasse ao abrigo da Fundação Bissaya Barreto, em Coimbra: “*Acreditamos que a sua localização em Coimbra, no coração da região centro, será também fator positivo para facilitar a aproximação de todas as Casas Museu: da esfera pública e da esfera privada, do norte ao sul do País, do continente às regiões autónomas. A todas saberemos estender este convite, na mais pura convicção de que as Casas Museu, à altura do seu passado, são as que se projetam num rastro de futuro*”, afirmou.

A Câmara Municipal de Coimbra esteve representada pela vice-presidente Maria José Azevedo, que se mostrou orgulhosa pela criação da Associação Portuguesa das Casas Museu: – “*Saudo todos os membros da comissão instaladora e devo dizer que estou muito satisfeita com este momento. Deve sempre haver uma congratulação por um nascimento que é sempre um ato de felicidade e de progresso. Nasceu uma Associação que há muitos anos estava pensada e o município de Coimbra está muito orgulhoso e dará todo o apoio necessário*”.

Na cerimónia, onde estiveram os responsáveis pelas casas museu que integraram a comissão instaladora, foi lida uma mensagem com “votos de sucesso”, endereçada pelo secretário de Estado da Cultura, Francisco José Viegas: “*Agradeço, reiteradamente, o convite enviado por esta Comissão Instaladora para a cerimónia, intenção antiga e amplamente debatida, a criação da Associação Portuguesa de Casas- Museu concretizada em Coimbra – onde terá sede, na Casa Museu Bissaya Barreto –que vem colmatar uma lacuna existente e reconhecida no âmbito da museologia em Portugal*”.

A reconsideração da história recente das Casas-Museu permite identificar duas ideias fortes: a primeira, é a consciência de uma urgência associativa, reiteradamente afirmada em algumas jornadas de trabalho, promovidas quer pelo DEHMIST (Comité Casas Históricas do ICOM), Instituto Português de Museus, Rede Portuguesa de Museus, Municípios, quer por algumas Casas Museu, desde 1999 a 2012. Em 2012, o passo fundamental foi dado com a instituição efetiva e a respetiva consagração legal da Associação Portuguesa de Casas-Museu (APCM). A segunda, transformar-se efetivamente na entidade gestora de uma rede portuguesa de Casas-Museu, é o propósito mais importante da APCM.

Luísa Garcia Fernandes

Presidente da Associação Portuguesa de Casas-Museu, 2016